

A maldição de Eva: a face feminina da violência contra a mulher

*Fernanda Menin**

*Lilian Loureiro***

*Noely Montes Moraes****

Resumo

A cultura patriarcal favorece a violência contra os valores femininos e contra sua portadora privilegiada: a mulher. Há vários níveis de violência: agressão física, abusos, violência sexual, violência psicológica. O agente dessas agressões é o homem, com mais frequência, e outras pessoas do ambiente, no caso da violência psicológica; em todos os casos, a agressão vem de fora e a mulher é a vítima. Este é um trabalho que trata de uma forma sutil de violência, escorregadia, difícil de ser capturada, mas que corrói a mulher de dentro para fora, como um inimigo invisível e infiltrado no mais profundo território feminino. Sem consciência dessa força devastadora, as mulheres perpetuam-na e agem destrutivamente em relação a si mesmas e a outras mulheres, movidas por esse impulso nocivo. O trabalho aborda a violência que a própria mulher se faz sob a forma de ataques ferozes a seu corpo e sua alma em nome de submeter-se voluntariamente a exigências de desempenho e aparência que desvirtuam seus ciclos naturais e seu senso intrínseco de identidade.

Palavras-chave: *violência intrapsíquica; animus negativo; complexo paterno negativo; mulher.*

* Psicóloga clínica formada pela PUC-SP, com especialização em Questões Amoras pela Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, Faculdade Psicologia PUC-SP. E-mail: femenin@ig.com.br

** Psicóloga clínica formada pela PUC-SP, mestre em Psicologia Clínica pela mesma instituição, Psicológica Ana Maria Poppovic, Faculdade Psicologia PUC-SP. E-mail: lilianloureiro@uol.com.br

*** Professora titular da PUC-SP. Chefe do Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Psicologia PUC-SP. Doutora em Psicologia Clínica. E-mail: noelymontes@yahoo.com.br.

Abstract

The patriarchal culture encourages violence against women values and their privileged carrier, the woman. There are several levels of violence: physical assault, abuse, sexual violence, psychological violence; the agent of such attacks is more often the man, but can be also others in the environment, in the case of psychological violence. In all cases, the aggression comes from outside and the woman is the victim. "The curse of Eve: the feminine face of violence against women" is a work that deals with a subtle form of violence, slippery, hard to catch, but that destroys the woman from inside out, like an invisible enemy and infiltrates the deepest female territory. Without awareness of that devastating force, women perpetuate it and act in a destructive way with themselves and other women, moved by that harmful impulse. The work addresses the self-inflicted woman violence in the form of fierce attacks to her body and her soul on behalf of voluntarily submitting herself to the demands of performance and appearance that detract from their natural cycles and their intrinsic sense of identity.

Keywords: *intrapsychical violence; negative animus; negative paternal complex; woman.*

INTRODUÇÃO

Quando se aborda o tema da violência contra a mulher, as cenas que vêm à mente, com maior frequência, são as do estupro e da agressão física. Na quase totalidade dessas ocorrências, o agressor é do sexo masculino.

Ainda no papel de vítimas, as mulheres sofrem abusos, assédio sexual, discriminações e toda uma série de restrições à sua liberdade e autonomia, cujo grau depende da sociedade/religião/país que se leve em conta.

Numa cultura patriarcal, embora não se justifique, é de se esperar que as leis, os costumes, a moral e o poder sejam desfavoráveis às mulheres, como de fato acontece na nossa cultura (Safiotti,1999).

Nesse sentido, há que se reconhecer a extrema importância dos movimentos feministas e de sua luta por denunciar toda forma de aviltamento contra a mulher. A luta estende-se às esferas política, econômica, religiosa e muitas conquistas foram obtidas nesse processo, trazendo uma sensível melhora à vida de muitas mulheres.

Além dessa dimensão palpável da tarefa emancipatória das mulheres, uma outra dimensão também deve receber especial atenção: a violência intra-psíquica.

É dessa dimensão que trata este trabalho. Algumas mulheres podem nunca ter experimentado as formas óbvias de violência; podem viver em centros urbanos e dispor de acesso a uma série de facilidades e serviços; podem dispor de renda e escolaridade que lhe garantem autonomia e poder de escolha.

No entanto, nem essas mulheres escapam de outra forma de violência sutil, escorregadia, difícil de ser capturada, mas que corrói de dentro para fora, como um inimigo infiltrado no mais profundo território feminino.

Sem consciência dessa força devastadora, as mulheres perpetuam-na e agem destrutivamente em relação a si mesmas e a outras mulheres, movidas por esse impulso nocivo e inconsciente.

Também aturam níveis de opressão e violência impensáveis. Nos vários artigos consultados sobre violência contra a mulher, uma conclusão sempre presente chama a atenção: a vida psíquica dessas mulheres traz as marcas da impotência, da submissão, da obediência a um “tu deves” e de um estreitamento de possibilidades existenciais vislumbradas; apenas o papel de cuidadora parece ser reconhecido por elas (Ramão et al., 2005).

Embora os efeitos apontados acima sejam os mesmos em todos os níveis de violência, há uma distinção a fazer, no que diz respeito à fonte, entre a violência intrapsíquica e a violência psicológica. Esta é definida como “forma de agressão decorrente de palavras, gestos, olhares dirigidos à mulher, sem necessariamente ocorrer contato físico” (Silva et al., 2007 p. 98). Na violência física, bem como na psicológica, a fonte está num Outro, é externa; na intrapsíquica, o ataque vem de dentro.

Quando Deus expulsou Eva do Paraíso, lançou-lhe uma maldição: “parirás em dor e ansiarás pelo teu homem; e ele te dominará” (Gênesis, 3:16). Enquanto os anestésicos livraram a mulher da primeira parte da maldição, a segunda parte imprimiu uma marca indelével na sua alma: uma disposição psíquica favorecedora ao domínio patriarcal.

Vamos abordar exatamente a violência que a mulher se faz sob a forma de ataques ferozes a seu corpo e sua alma em nome de se submeter voluntariamente a exigências de desempenho e aparência que desvirtuam seus ciclos naturais e seu senso intrínseco de identidade.

A linguagem mítico-religiosa é bastante elucidativa ao descrever as realidades psíquicas que, de outra maneira, permaneceriam inexprimíveis. Dizer que toda mulher carrega a “maldição de Eva”, e que essa maldição foi promulgada por um deus disciplinador, permite compreender que se trata de um complexo autônomo, agindo independentemente da vontade feminina e que não pode ser evitado, nem controlado, apenas identificado e administrado.

Nas palavras de Von Franz:

Nossa cultura está edificada sobre a idéia de um Deus bom e justo; se o mal aparece, pensamos então que isso ocorreu por nossa culpa, a do velho Adão [e, no nosso caso, da velha Eva], de nossos pais ou ainda do recalçamento: algum ser humano é o culpado. Mas podemos igualmente dizer, em muitos casos, que o culpado é Deus – idéia que não nos é habitual, embora o seja em outras civilizações. (1995, p. 49)

Sempre que esse complexo atua, subjetivamente, a mulher não sabe o que está acontecendo. Ao perceber os efeitos desastrosos em sua vida pessoal, pode pensar que se trata de uma maldição, que está sendo vítima de energias negativas externas. Pior ainda, na sua experiência, a mulher acha que é ela mesma quem pensa essas coisas negativas a seu respeito.

Como diz Von Franz (1992): “essa é uma das grandes dificuldades do trabalho analítico: fazer com que as mulheres percebam a diferença entre o que *elas* pensam e o que *ele* pensa nelas” (p.165).

Vamos, a seguir, abordar esse tema através de três enfoques trazidos por três diferentes autores, na tentativa de lançar mais luz sobre essa difícil questão da violência intrapsíquica feminina:

O medo do feminino: toda ideologia patriarcal ergue-se sobre as bases de controle e do poder exercidos sobre os domínios do Feminino. Vamos procurar entender os fundamentos arquetípicos desse medo e suas implicações para o desenvolvimento psíquico da mulher.

A consciência solar/lunar: a cultura patriarcal sofre de unilateralidade, na medida em que se baseia nos princípios ordenadores masculinos e relega o fundamento feminino de organização da realidade. Vamos compreender o funcionamento da consciência solar (masculina) diferenciando-o da consciência lunar (feminina), verificando como o predomínio de um e a ausência do outro afetam a vida social e individual, especialmente a das mulheres.

O predador natural da psique feminina: muitas vezes citado como animus negativo ou como complexo paterno negativo, há um componente altamente sabotador que se manifesta na psique das mulheres, atacando-as com julgamentos severos e inibidores. Vamos tentar identificar sua dinâmica e desmascarar suas artimanhas.

Antes de iniciarmos a reflexão proposta, vamos buscar alguns estudos atuais que abordem a problemática aqui esboçada.

Em levantamento bibliográfico¹ acerca do tema, chamou a atenção o fato de que a dimensão psíquica da violência é abordada de forma indireta. Artigos com a combinação das palavras-chave “mulher e violência” não foram encontrados. No entanto, foram encontrados artigos que abordavam a violência psicológica.

Silvia et al. relatam que, de acordo com o Ministério da Saúde, a violência psicológica é entendida como:

Toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro. Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante freqüente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio. (2007, p. 97)

1 Levantamento bibliográfico realizado no indexador *Scielo*, em agosto de 2008, com o cruzamento das palavras-chave mulher e violência, encontrou um total de 91 artigos. Ao analisar título, palavras-chave e resumo, apenas 8 mencionavam a questão da violência psicológica, mas por um viés, da pressão ou efeito que outrem causa por desvalorizar, subjugar.

De acordo com tais autores, o pior da violência psicológica para as mulheres não é a violência em si, mas a tortura mental e a convivência com o medo e o terror. Dessa forma, os autores enfatizam que esse tipo de violência deve ser analisado como um grave problema de saúde pública, merecendo espaço de discussão, ampliação da prevenção e criação de políticas públicas específicas para o seu enfrentamento.

Monteiro e Souza (2007) complementam os efeitos psicológicos da violência. Observaram, nos depoimentos coletados, efeitos negativos na saúde mental das mulheres estudadas, principalmente humilhação, sofrimento e vergonha, afetando a auto-estima. De acordo com os autores, a mulher se revela como ser dependente emocional e financeiramente do seu companheiro, sem nenhuma ou com pouca perspectiva de crescimento, o que se configura por perdas intensas que se relacionam com a qualidade de vida, tanto da mulher quanto de todos os envolvidos.

Schraiber et al. (2007) apresentam dados epidemiológicos da violência psicológica no estado de São Paulo. Da amostra de 383 mulheres, 41,8% relataram ao menos uma vez na vida ter vivenciado violência psicológica.

Apesar da relevância dos trabalhos citados acima, eles não abordam a dimensão psíquica da violência, no sentido de compreender o fator psicológico que predispõe as mulheres ao abuso externo. Dessa forma, podemos constatar a relevância do presente artigo no sentido de uma lacuna presente na literatura científica.

O MEDO DO FEMININO

A ideologia patriarcal ergue-se sobre as bases do controle e do poder exercidos sobre os domínios do Feminino. Esse exercício de poder é inevitável durante o processo de desenvolvimento psicológico.

De acordo com Neumann (2000), o ego e a consciência sempre aparecem simbolizados arquetipicamente como masculinos, enquanto o inconsciente é simbolizado arquetipicamente como feminino. Dessa forma, o desenvolvimento da consciência ocorre dentro de uma tensão de opos-

tos criada pelo ego e pelo inconsciente, por cujo intermédio o ego pode se desenvolver e fortalecer, o sistema consciente pode ser formado e a esfera pessoal pode ser delimitada da esfera impessoal.

O processo de desenvolvimento egóico é específico a cada gênero. Segundo o autor, durante o processo de desenvolvimento da consciência, o ego vai se diferenciando do inconsciente. A fase em que o ego ainda é ligado ao inconsciente é representada pela constelação matriarcal e, quando o ego tende a se libertar do inconsciente, a constelação é patriarcal. Apesar de o início do processo ser igual para homens e mulheres no momento de indistinção mãe-bebê – estado urobórico. Após a fase pré-egóica, existem diferenças significativas, a partir das quais podemos entender as diferenças entre a psicologia do homem e da mulher. De acordo com Neumann (ibid.), embora a consciência da mulher seja diferente, em natureza e ênfase, da consciência do homem, a mulher é forçada à alienação do Self a serviço do desenvolvimento da consciência. É compelida a desenvolver também o lado Masculino, sem o que não é possível a realização cultural.

A princípio, pode parecer que o processo de desenvolvimento feminino seja mais simples, no sentido de que a menina está mergulhada na experiência com a mãe como pertencente do mesmo sexo, de maneira que não precisa deixar imediatamente esse universo. Contudo, a mulher não pode ficar fixada nesse momento, pois, para seu desenvolvimento, é necessária a ruptura. Neumann (ibid.) chama de “controvérsão” a tendência humana que trabalha inconscientemente rumo à formação da personalidade, que força a mulher, assim como força o homem, a passar por todas as fases necessárias ao desenvolvimento individual. Ficar mais tempo em uma fase que deve ser atravessada representa uma regressão no que diz respeito ao desenvolvimento da personalidade.

Uma mulher que fica presa ao Self materno torna-se um ser incompleto, dado que o relacionamento externo e interno com o Masculino (tanto com o homem externo quanto com o princípio masculino em ação dentro dela) constitui parte de sua totalidade.

Nessa fase de ruptura do desenvolvimento feminino é que ocorre a “primeira” violência psíquica vivenciada pela mulher, imprescindível ao seu desenvolvimento, representada pela invasão patriarcal. Violência no sentido

de que há uma ruptura muito intensa em termos de padrão de funcionamento. O elemento masculino-patriarcal evidencia o desenvolvimento na direção do patriarcado. De acordo com Neumann (ibid.), é por esse motivo que nesse confronto há uma desvalorização do Feminino arquetípico, o qual, do ponto de vista masculino, parece estar vinculado e identificado aos poderes do inconsciente. O padrão inconsciente é associado à inércia, ao momento pré-egóico em que o indivíduo não precisa fazer muito. Aí reside o medo do feminino devorador, que impede a expansão da consciência e do desenvolvimento. Por isso a imposição característica do patriarcado é tão importante.

Nesse momento do desenvolvimento, contudo, a mulher vivencia polaridades: por um lado, seu vínculo positivo com a Grande Mãe como pré-requisito psicológico para se tornar mãe, ser fértil e ter um relacionamento saudável com o próprio corpo e com a terra. Por outro lado, seu distanciamento leva à incapacidade de desenvolver as qualidades maternais e frutíferas de sua natureza feminina e, conseqüentemente, aos sintomas típicos de histeria de afastamento do corpo e, de fato, até mesmo de esterilidade. O perigo dessa dualidade é a mulher tornar-se vítima de sua tendência à identificação, superdesenvolvendo o lado masculino, o lado do animus, e alienando-se dessa forma de sua própria natureza.

Segundo Neumann (ibid.), ao se identificar com o Masculino transpessoal, que toma o lugar da entrega e da devoção autêntica, a mulher acaba por abdicar da própria natureza da terra, tornando-se, desse modo, uma vítima indefesa dos poderes masculinos. De acordo com o autor, esse perigo, que pode até levar à psicose, é também ocasionado pelo fato de que a sua entrega extrema ao Masculino (vivenciado não somente em seu parceiro, mas, também, na sua própria psique) resulta no não desenvolvimento da personalidade autônoma de direito próprio.

Focalizando no desenvolvimento da consciência, é um ganho quando uma consciência patriarcal substitui uma consciência matriarcal. No entanto, Neumann (ibid.) aponta que, quando se sabe das fraquezas e perigos psicológicos da cultura patriarcal, cuja forma extremada no Ocidente contemporâneo levou a uma crise que colocou em perigo a humanidade inteira, deve-se evitar o erro de encarar a “consciência matriarcal” como

apenas um legado arcaico e o Feminino arquetípico como “relativamente não-desenvolvido”. Dessa forma, o Feminino e as mulheres são suprimidos, escravizados, externamente eliminados da vida ou, até mesmo, como em julgamentos de feiticeiras, perseguidos e levados à morte como portadores do mal.

No entanto, essa situação mudou nos tempos modernos, quando todo o relacionamento entre Masculino e o Feminino, homens e mulheres, tornou-se problemático. Para Neumann (ibid.), essa mudança expressa-se não somente no relacionamento entre marido e mulher, mas também no interior da própria psique, já que o relacionamento do homem com o próprio lado feminino inconsciente, a anima, e o da mulher, com seu lado masculino inconsciente, o animus, começam a entrar na consciência.

Na fase mais elevada do desenvolvimento feminino, a individualização leva a mulher à descoberta do Self. Segundo Neumann (ibid.), nesse momento, o encontro com o Masculino assume a forma de um encontro interior, no qual a mulher vivencia as próprias energias arquetipicamente masculinas. Ela se torna, então, consciente das influências psíquicas que antes eram experimentadas de forma projetada no mundo exterior. Todos os símbolos e conteúdos característicos da primeira fase reaparecem, mas estariam sob o signo da integração da personalidade completa e de um desenvolvimento que têm seu centro não no ego e sim no Self, como o centro da personalidade unificada.

CONSCIÊNCIA SOLAR E CONSCIÊNCIA LUNAR

Com este título, Murray Stein (1998) aborda em seu livro as consequências nefastas à consciência da prevalência exclusiva dos valores, sejam eles femininos ou masculinos. Vamos, a seguir, explorar suas colocações relacionando-as com nosso tema.

A violência intrapsíquica sofrida pelas mulheres é sentida como uma forte ansiedade relacionada a uma expectativa de punição. De onde viria essa sensação? Ela emana de um perseguidor interno que atende pelos nomes de animus negativo, complexo paterno negativo, consciência julga-

dora/punitiva, superego. Trata-se, seja qual for o nome atribuído, de um complexo altamente carregado cuja “severidade e brutalidade têm algo de estranhamente arcaico e primitivo” (Stein,1998, p.112).

Stein denomina consciência solar esse complexo que atua como “porta-voz interno da lei consensual, os mores e costumes coletivos de um contexto social específico” (1998, p.112).

A descrição da consciência solar denuncia seu parentesco com o modo masculino de organização da realidade. Sua atuação faz lembrar os pais míticos gregos: Urano, Saturno e Zeus. Em todas essas imagens masculinas identificamos a rigidez e a exclusividade reprimindo tudo aquilo que não se adapta aos valores coletivos instituídos.

O aspecto solar da consciência tanto cria a coletividade como a mantém. A consciência coletiva de um grupo, com suas normas de conduta, interpretações consensuais de vivências e lei comum deriva do componente solar do arquétipo sob o qual o grupo vive. Sua observância interna em cada pessoa ocorre por meio da função da consciência solar. (Stein, 1998, p.129)

Uma manifestação bastante peculiar da consciência solar é a exigência de perfeição. Quando a pressão por perfeição não é compensada pelo aspecto lunar da consciência, que acolhe todos os elementos sem distinção, a mulher é constantemente confrontada com suas falhas e imperfeições.

Diariamente, essa mulher é levada, pela consciência solar, a se comparar com o ideal feminino ditado pela moda e pelos valores coletivos de sua época.

O ideal feminino é anunciado a todas as mulheres de um conjunto social pelas diversas agências socializadoras: família, escola, igreja e, para as mulheres ocidentais, de maneira mais aguda, pela mídia: TV, cinema, propaganda, revistas e jornais, entre outros.

Antes de prosseguirmos apontando os danos causados à psique feminina pela predominância da consciência solar, vamos insistir na idéia de que o dano provém do desequilíbrio entre as polaridades masculinas e femininas. A consciência solar é necessária para o desenvolvimento do ego

adulto, sendo um de seus principais pilares. Sem essa consciência, permaneceríamos crianças de berço, em termos psíquicos, escravos de nossos instintos e de nossas demandas exageradas e imediatistas.

É a consciência solar que nos empurra para fora da cama de manhã e, aliada com a lunar, nos leva, por exemplo, a fazer uma agradável caminhada, que nos revigora e nos ajuda na manutenção de um corpo saudável. Mas seu predomínio exclusivo na psique, aplicado a esse exemplo, colocará metas de excelência física cada vez mais inatingíveis e aquilo que era prazer aliado a benefício se transforma em obsessão pela forma física ditada pelos ícones apresentados pela mídia. A percepção do desvio entre seu corpo e o das modelos, ainda explorando o mesmo exemplo, vai gerar na mulher uma profunda insatisfação, com diferentes graus de efeitos patológicos: compulsão, depressão, distúrbios alimentares, inveja, competição, isolamento.

O mesmo dinamismo aplica-se aos outros aspectos da vida: como a consciência solar pressiona para a adequação aos valores coletivos, uma boa amostra do que vem sendo exigido atualmente das mulheres pode ser facilmente obtida folheando uma revista dirigida ao público feminino. Tais publicações são típicos exemplares contemporâneos da consciência solar vendidos em bancas de jornal.

A começar pelo aspecto já comentado e mais óbvio: o corpo deve ser magro. Cabelos, pele, seios, pernas tudo deve seguir rigorosamente um padrão tido como o único aceitável.

Só para ficar nesses exemplos, podemos ver claramente como a consciência solar funciona: por exclusão. Ao eleger um padrão, todos os demais são rejeitados. É um funcionamento monoteísta, que desconhece sutilezas, diversidades, variações.

Outros modelos e padrões referentes a outros aspectos da vida feminina também são apresentados de forma excludente, discriminatória e hierarquizada: as roupas, os acessórios, o carro, o bairro, onde passar férias, a escola dos filhos, o lazer. A lista de exigências não se limita aos aspectos mais aparentes, estende-se ao desempenho profissional e assim por diante.

Mas se todos esses assuntos ocupam metade de uma publicação dita feminina, a outra metade é inteiramente dedicada às técnicas de sedução, às técnicas sexuais e a tudo o mais que possa ajudar (?) a mulher a ter e manter um homem a seu lado.

Descrevendo a opressão representada pelas exigências coletivas, parece estranho imaginar por que as mulheres as acatariam e permitiriam sua atuação tão predominante em suas vidas. Essa é a questão central que estamos destacando neste trabalho: as exigências externas encontram acolhida na psique feminina, fornecendo o recheio que preenche a consciência solar. Em outras palavras: há uma estrutura psíquica pronta a receber as exigências coletivas e usá-las para atacar com violência o ego, confrontando-o com falhas, erros e fracassos.

A consciência solar alia-se ao ideal de ego e brilha com tanta intensidade, e parece tão atraente que o ego feminino se apaixona por essa instância psíquica e esse romance, talvez a mais elevada consecução da consciência solar, produz na mulher o amor por aquilo que constantemente a domina (Stein, 1998, p.113).

Há, portanto, um verdadeiro caso de paixão, no mais absoluto sentido do termo, entre esse terrificante aspecto do Masculino e o ego feminino.

A paixão da mulher por seu opressor interno a fará reduzir seu foco de interesses e possibilidades e aplicar toda sua energia na busca de corresponder aos anseios do objeto da paixão, que ela presume conhecer através dos modelos de conduta ditados pela coletividade. A comparação de si mesma com esses padrões coletivos será sempre prejudicial, instalando uma insatisfação permanente e um ódio contra si mesma.

O PREDADOR DA PSIQUE

A energia do Masculino no inconsciente da mulher é personificada pela figura denominada animus por Jung. O animus e a anima (personificação da energia feminina na psique do homem) fazem parte da psique arquetípica, o que faz com que sejam elementos comuns a de todos os seres humanos. Embora o animus seja algo comum a todas as mulheres, ao longo do desenvolvimento, ele recebe características particulares de acordo

com as experiências vividas. Assim, essa figura é fortemente moldada pela experiência com o pai e, posteriormente, com os homens emocionalmente significativos para essa mulher.

Essa figura inconsciente, quando em parceria com a consciência, possibilita o desenvolvimento saudável da psique, funcionando para a mulher como uma ponte que lhe permite receber a energia psíquica oriunda do inconsciente que irrigará a consciência, tornando-a fértil. O contato com os aspectos positivos do animus é imprescindível para trazer à mulher a energia criativa: as aspirações e a capacidade para realizá-las.

Em contrapartida, a relação com os aspectos negativos do animus pode ser devastadora para a psique, pois nesse caso ele passa a agir como um “predador” que atua contra o desenvolvimento saudável (Estés, 1995). Inúmeras histórias remetem à essa força destrutiva inata que habita nosso interior, às vezes representando-a através de figuras sobre-humanas ou com poderes, como anjos ou magos, por exemplo. De acordo com Sanford (1986), isso se reflete numa crença da Babilônia antiga, segundo a qual toda a alma que nascia no mundo era acompanhada por dois deuses e duas deusas. Um deus e uma deusa ajudavam e guiavam a alma, e os outros dois tinham a função de tentar destruí-la. A figura de Satanás também pode ser citada como uma personificação dessa força.

Nas palavras de Estés (ibid.):

Embora a causa de grande parte do sofrimento humano possa ser atribuída a uma criação negligente, existe também dentro da psique um aspecto contra naturam inato, uma força voltada “contra a natureza”. O aspecto contra naturam opõe-se ao que for positivo: ele é contra o desenvolvimento, contra a harmonia e contra o que for selvagem. Trata-se de um antagonista debochado e assassino que nasce dentro de nós e, mesmo com a criação parental mais cuidadosa, sua única função é a de tentar transformar todas as encruzilhadas em ruas sem saída. (p. 57)

A idéia de sermos habitados por uma força que atua destrutivamente pode parecer assustadora e fora de propósito, do ponto de vista do nosso desenvolvimento. Qual o sentido desse movimento antagônico, quando aparentemente somos orientados para o crescimento e o desenvolvimento – do corpo e da mente – ao longo do tempo? A resposta vem das histórias

também: geralmente, o que acontece é que a mulher fica prisioneira ou refém da criatura até que reúna forças para combater e transformar essa energia destrutiva. Então ela se liberta e se fortalece. O embate com o predador fortalece a mulher e auxilia no seu amadurecimento. Mas é preciso sobreviver a ele.

Quando a mulher está prisioneira dos aspectos destrutivos do animus, isso se expressa em seus relacionamentos e é fonte de enorme sofrimento. O lado negativo do animus se expressa de muitas formas, e talvez as mais frequentes sejam as generalizações e verdades absolutas, a lógica distorcida e obstinada e um excesso de exigências que guardam em si a expectativa de perfeição. Assim, os aspectos negativos do animus podem contaminar não apenas as relações amorosas, mas também as relações de trabalho e com a família como um todo. Se a destrutividade do animus se voltar para o mundo externo, as pessoas se afastarão dessa mulher por medo de sua agressividade e de suas críticas. Se ela se voltar para o mundo interno, ela passará a se desqualificar.

O fato de o animus negativo ser frequentemente representado por figuras com poderes sobre-humanos é muito esclarecedor. Isso nos mostra que o animus negativo tem o poder de “enfeitiçar” a mulher, fazendo com que ela se aproprie de seus pensamentos destrutivos como se fossem dela. A vítima desse predador passa a assumir suas falas como verdadeiras e, conseqüentemente, seu senso de valor e sua auto-estima ficarão seriamente comprometidos. Na realidade, essas idéias não têm relação com a verdade de seus sentimentos e pensamentos – são vazias de alma e de individualidade.

A mulher vítima do predador interno passa a se sentir sem confiança e energia, pois ela realmente está sendo sugada. Daí o fato de que essa figura seja frequentemente representada nos sonhos como um ladrão ou abusador (ou vários). Ele de fato rouba a energia psíquica que deveria ser usada para o desenvolvimento saudável, aprisionando a mulher num ciclo de angústia, insegurança, culpa e raiva. Seus pensamentos são os piores possíveis: ela não é capaz, não tem valor, não é digna de amor e felicidade, qualquer pessoa faria aquilo melhor do que ela. São julgamentos generalistas e fora de propósito.

A história do Barba Azul é um excelente exemplo do contato com o lado negativo do animus. Em linhas gerais, uma das versões da história, apresentada por Estés (1995), conta que havia um homem que se dizia ser um mágico fracassado com um fraco por mulheres. Ele cortejava três irmãs, mas sua barba azul as assustava. Para conquistá-las, ele as levou para um passeio pela floresta, onde elas se divertiram muito. Apesar disto, as irmãs mais velhas continuavam amedrontadas e decidiram que não o veriam mais, ao passo que a mais nova pensou que, se ele era tão encantador, não poderia ser tão mau assim. O Barba-Azul pediu sua mão em casamento, e eles foram para seu castelo no bosque.

Um dia ele saiu para viajar e, entregando-lhe o molho de chaves, disse que ela poderia pedir qualquer coisa aos empregados e abrir qualquer porta que quisesse, exceto usar uma chavinha com arabescos. Durante a viagem do marido, suas irmãs vieram visitá-la e ela contou-lhes sobre as instruções que recebera. Elas ficaram curiosas e propuseram que saíssem pelo castelo para descobrir qual porta a chavinha abria e o que ela guardava. Após vasculharem todo o castelo, encontraram no porão uma pequena porta onde a chavinha serviu. Ao abrirem a porta e acenderem a luz, depararam-se com os esqueletos de todas as esposas anteriores do Barba-Azul. Horrorizadas, elas fecharam a porta, mas então a chavinha passou a gotejar sangue sem parar. Quando o marido retornou e lhe pediu as chaves de volta, ela tentou enganá-lo dizendo que a havia perdido, mas ele sabia que ela havia entrado no quarto e lhe disse que ela seria a próxima. Ela pede um tempo para rezar e corre até as irmãs, perguntando se elas estavam vendo seus irmãos cavalgarem pela estrada, pois eles se dirigiam para lá. Quando o marido vai ao quarto buscá-la, os irmãos adentram o quarto a cavalo, matam o Barba-Azul e deixam seus restos para os abutres devorarem.

Essa história ilustra com muita clareza o que se passa no íntimo da mulher que está “casada” com o animus negativo, bem como aponta possibilidades de libertação. A irmã mais nova representa o nosso lado ingênuo, que apesar das advertências internas insiste em acreditar no predador. Casase com ele e, embora habite um castelo, torna-se prisioneira das ordens do assassino. Subitamente intui que algo está errado e, de posse da chave, passa a procurar até que encontra os esqueletos escondidos. Isso a deixa próxima

da morte, mas ela “negocia” com o assassino para ganhar tempo até que ela se fortaleça para, com a ajuda dos irmãos, matar o assassino e entregá-lo aos abutres, que representam a transformação e o renascimento.

O animus negativo, assim como o Barba-Azul, aprisiona a mulher na ignorância – sobretudo de si mesma e de seu potencial. Assim, a saída para essa situação é a atitude reflexiva e questionadora. Isso permite que a mulher encontre “a porta” necessária para se libertar. Na história, as irmãs encontram esqueletos de mulheres espalhados. O que a mulher aprisionada encontra atrás da porta são seus sonhos, planos e desejos despedaçados pelo predador. Ao usar a chave e abrir a porta, a mulher pode descobrir verdades muito doloridas, mas isso a fortalece para enfrentar o inimigo.

Os irmãos, que a livram do assassino, são representantes do lado positivo do Masculino, que, como dito anteriormente, auxilia a mulher em seu desenvolvimento e lhe traz a energia para a ação. A parceria com essa figura permite que a mulher “mate” o predador, ou seja, lhe tire o poder e transforme sua energia, o que está simbolizado na história pela figura dos abutres.

É importante atentar para o fato de que a mulher que está enfeitada pelo inimigo interno freqüentemente escolhe parceiros externos com quem ela reproduz inconscientemente essa relação de violência. Quando tal padrão de relacionamentos passa a se repetir, convém procurar a porta e investigar se não se está prisioneira e se não há nada escondido. Possivelmente, ela encontrará em si mesma um homem tão ou mais violento que o próprio parceiro, mas a partir de então ela se fortalecerá e poderá se libertar.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Estamos, agora, em condições de retomar nosso objetivo de compreender a violência intrapsíquica feminina, destacando os pontos importantes para o esclarecimento do nosso tema: os fundamentos arquetípicos do medo do Feminino, a prevalência do Masculino, suas manifestações na psique feminina e as conseqüências para a vida das mulheres. Na conclusão, apontamos as possibilidades de superação dessa terrível maldição.

A revisão e consulta bibliográficas nos esclareceram sobre o fundamento arquetípico da dinâmica patriarcal relacionada, por um lado, ao medo do Feminino e, por outro, à violência intrapsíquica feminina; na verdade, lados da mesma moeda, como foi demonstrado.

Identificado como padrão inconsciente associado à inércia e à passividade, o Feminino é temido como se fosse um monstro devorador (o dragão a ser vencido pelo herói) que impediria a expansão da consciência e o desenvolvimento do ego e da cultura.

O ego e a consciência sempre foram considerados como tipicamente masculinos, ao menos na cultura patriarcal. Portanto, seu desenvolvimento se faz através da invasão dos valores masculinos, em detrimento dos femininos.

Esse padrão de desenvolvimento tem paralelo simbólico na constelação do herói; para a mulher, representa uma primeira violência psíquica, que a aliena do Self, forçando-a a desenvolver o lado masculino, sem o que não seria possível a realização cultural.

O superdesenvolvimento do aspecto Masculino, no seu antagonismo radical ao Feminino, apresenta-se como um predador natural da psique feminina: “antagonista debochado e assassino que nasce dentro de nós e, mesmo com a criação parental mais cuidadosa” (Estés, 1995, p. 57), tenta destruir qualquer ato criativo/afirmativo da mulher.

Para assegurar seu pleno domínio sobre a psique feminina, essa consciência de qualidade solar alia-se ao ideal de ego e se apresenta de maneira tão atraente e sedutora (como um deus) que desperta na mulher uma paixão que a torna passiva e cega, vítima fácil de um abusador agressivo e violento. Iludida com promessas de dedicação e fidelidade (Barba Azul), o animus negativo aprisiona a mulher na ignorância, aprisionando também seus sonhos, planos e desejos.

É esclarecedor notar que o aspecto masculino destrutivo é frequentemente representado por figuras sobre-humanas; esse aspecto realmente “enfeitiça” a mulher, fazendo com que ela se aproprie dos pensamentos destrutivos que esse núcleo produz, como se fossem dela. Em sonhos, costuma aparecer como ladrão e abusador.

Tais pensamentos se constituem de generalizações, verdades absolutas, lógica distorcida, excesso de exigências, expectativas de perfeição. Quando essa destrutividade se volta para o exterior, a mulher torna-se uma pessoa excessivamente crítica e agressiva com os outros; se voltada para dentro de si, ela sente-se constantemente desqualificada.

Uma manifestação bastante peculiar da consciência solar, em sua face destrutiva, é a exigência de perfeição, tomando como parâmetro de comparação os ideais femininos ditados pelos valores vigentes e apresentados pela mídia. Tais exigências coletivas encontram acolhida na psique feminina exatamente por conta dessa estrutura psíquica pronta a usar essas mesmas expectativas para atacar com violência as realizações do ego feminino, confrontando-o com falhas, erros e fracassos.

Vítima do ataque do masculino interno, a mulher se vê como incapaz, sem valor, indigna de amor e felicidade, convencida de que as outras pessoas são muito melhores do que ela e que sempre se saem melhor em todas as áreas da vida. Nem é preciso dizer quantos sentimentos negativos são provocados por essa dinâmica que permeia as relações femininas: inveja, ciúmes, competição e assim por diante.

Outra conseqüência para a mulher é perder a confiança em si e na vida, o que pode levar a quadros patológicos de depressão, síndrome do pânico, controle excessivo sobre a própria vida e a dos outros, etc.

O alto preço a pagar pela adesão exclusiva da mulher ao modelo masculino é a perda do vínculo com os aspectos básicos femininos, representados pelo arquétipo da Grande Mãe. Tais aspectos permitem um relacionamento saudável com o próprio corpo, com a maternidade e com a capacidade de entrega sexual. A alienação da mulher de seus fundamentos femininos, exigida pelo seu tirano interno, traz desequilíbrios hormonais, distúrbios alimentares, compulsões, frigidez e esterilidade, dentre outros quadros psicossomáticos.

Como a voz interna acusadora, ameaçadora e exigente, mas também sedutora e apaixonante, é percebida como masculina, é dos homens externos, preferencialmente, que a mulher espera confirmação de seu valor (como bem sabem e exploram as revistas “femininas”).

A maldição de Eva é uma forma simbólica de amplificação dessa dinâmica: a filha de Eva ansiará pela aprovação insinuada no olhar de desejo masculino, porque nele enxerga seu tirano interno (verdadeiro objeto de sua paixão) e o homem, representante da ordem patriarcal, a dominará, pois ela não ousará desafiar seu opressor por medo de uma ilusória punição: sua desqualificação radical como pessoa.

Assim enfeitiçadas, não é de admirar que muitas mulheres escolham inconscientemente parceiros externos com quem reproduzem as cenas internas de violência. A julgar pela resistência que demonstram em abandonar esses parceiros violentos e abusadores (como atesta a casuística clínica), podemos calcular que o parceiro interno seja ainda mais violento, sempre a lhe dizer: “você não merece coisa melhor”, “vai ficar sozinha para sempre”, “uma mulher nada vale sem um homem a seu lado”, “as outras mulheres vão dizer que você não tem competência para manter um homem”, e o corolário: “ruim com ele, pior sem ele”.

Concluindo, a predominância do Masculino e o terrificante medo do Feminino geraram uma perseguição às bruxas e uma polarização tão extrema que a própria vida no planeta foi colocada em perigo.

Como tão bem resumiram Woolger e Woolger (2002):

As culturas da civilização ocidental são como os filhos de uma família abalada por um terrível divórcio: vivem apenas com o pai e não podem nem mencionar o nome da mãe. (2002, p. 16)

Felizmente, o aspecto masculino interno da mulher também contém um lado positivo, representado pelo poder de discriminação, pela capacidade de auto-afirmação, pela habilidade de perceber e julgar com distanciamento e imparcialidade, pelo raciocínio objetivo, claro e lógico. O ego encontra um aliado e, juntos, são capazes de enfrentar e deter os aspectos destrutivos e violentos.

Para isso, a mulher deve identificar a origem dos pensamentos negativos que parecem seus e isolá-la de seu ego. Também deve recolher as projeções colocadas nos homens com quem se relaciona, anulando os superpoderes neles ilusoriamente percebidos.

Por fim, ancorada firmemente em seu centro feminino, a mulher pode interagir com o Masculino, agora aprimorado pela assimilação dos aspectos positivos, promovendo a integração do animus à sua consciência feminina.

Esse movimento de integração, meta da individuação feminina, é simbolicamente retratado como Hierosgamos: o casamento sagrado, a união alquímica da matéria com o espírito, essencial para a integridade física e psicológica da mulher e para a promoção dos valores necessários à preservação da vida no nosso planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESTÉS, C. P. (1995). *Mulheres que correm com os lobos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- VON FRANZ, M. L. (1964). “O Processo de Individuação”. In: Jung, C.G. (org.), *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MONTEIRO, C. F. S. e SOUZA, I. E. O. (2007). Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Texto Contexto Enferm*, v. 16, n. 1, pp. 26-31.
- NEUMANN, E. (2000). *O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. São Paulo: Paulus.
- RAMÃO, S. R. et al. (2005). Nos Caminhos de Iansã – Cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 17, n. 2, pp. 79-87.
- SAFIOTTI, H. (1999). *Gênero e Patriarcado*. Texto didático não publicado. São Paulo: PUC-SP.
- SANFORD, J. A. (1986). *Os parceiros invisíveis*. São Paulo: Paulus.
- SCHRAIBER, L. B. et al. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev. Saúde Pública* v. 41, n. 5, pp. 797-807.
- SILVA, L. L. et al. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, v. 11, n. 21, pp. 93-103.

- STEIN, M. (1998). *Consciência Solar e Consciência Lunar*. São Paulo: Paulus.
- VON FRANZ, M. L. (1992). *O Caminho dos Sonhos*. São Paulo: Cultrix,.
- (1995). *O Feminino nos Contos de Fadas*. Petrópolis: Vozes.
- WOOLGER, J., e WOOLGER, R. (2002). *A Deusa Interior*. São Paulo: Cultrix.